

**A caverna, o deserto e o tempo da crise:
Ainda sobre a trilogia Matrix**

André SIGGIA¹
Diego AZEVEDO²
Paulo Henrique REIS³
Jorge Lucio de CAMPOS⁴

Resumo

O objetivo deste artigo é destacar como, na trilogia **Matrix**, os cineastas estadunidenses Andy e Lana Wachowski criticam os termos de nosso modo de vida atual. Com base nos filmes e nas discussões conduzidas por alguns pensadores contemporâneos acerca de uma suposta condição de crise em vigência na cultura ocidental, este artigo busca apontar para os perigos da política do controle, da paralisia da moral e da ética e do tratamento eminentemente tecnicista de nossos conhecimentos.

Palavras-chave: Matrix. Cinema. Crise. Contemporaneidade. Ética.

Abstract

The purpose of this article is to highlight how, in the **Matrix** trilogy, american filmmakers Andy and Lana Wachowski criticize the terms of our current way of life. Based on films and discussions led by some contemporary thinkers concerning a supposed crisis condition happening in Western culture, this article seeks to point out the dangers of the control policy, the paralysis of morals and ethics and the highly technicist treatment of our knowledge.

Keywords: Matrix. Cinema. Crisis. Contemporaneity. Ethics.

¹ Graduado em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: andre@siggia.com.br

² Graduado em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: diebrito@gmail.com

³ Graduado em Designer pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: paulobaiao.design@gmail.com

⁴ Pós-Doutor em Comunicação e Cultura (História dos Sistemas de Pensamento) pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Professor da Graduação em Desenho Industrial e do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Design da ESDI/UERJ. E-mail: jorgeluciocampos@gmail.com

Introdução

“O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada que, ao cabo, não exprime senão o seu desejo de dormir”.
(Guy Debord)

Na trilogia **Matrix**,⁵ os cineastas Andy (Andrew Paul, n. 1967) e Lana (Laurence, n. 1965) Wachowski, em meio a uma gama surpreendentemente variada de efeitos especiais, bem que tentam nos repassar alguns antigos ensinamentos. Para tanto, aludem a alegorias e a mistificações, assim como a arquétipos clássicos como o do heroísmo mitológico e o da existência do Messias. O próprio nome do protagonista (Neo) pode ser visto como (ao menos em nosso idioma) um anagrama de Noé (em inglês, Noah), de *One* (“um”) ou, mesmo, de *Éon*⁶ que, no mito gnóstico da criação, teve a sua origem na emanção do reflexo de *Lógos* (o Deus, o Uno) sobre si mesmo.

A trama dos filmes ocorre num futuro indeterminado em que as máquinas, extraordinariamente bem desenvolvidas, ao atingirem um estágio de autonomia total em relação a seus criadores, os seres humanos, os submetem e vampirizam, se valendo de seus corpos como fontes de energia. Para manter e prolongar esse estado de controle, recorrem a uma simulação coletiva à qual ficam, desde o início de sua concepção, presos, numa espécie de *megafantasia cibernético-interativa*, travestida de realidade boa.

Por seu turno, o planeta sofre as consequências mais terríveis da série de excessos contra ele cometidos, ao longo dos últimos séculos. A conjuntura sociopolítica, principalmente no que concerne a valores e iniciativas humanizadoras, é o de caos absoluto. Todos os homens se veem arrastados e engolidos pelo arruinamento do projeto civilizatório moderno, sendo, na verdade, eles mesmos os verdadeiros causadores de sua desgraça e não, como, normalmente, indica a maioria dos textos clássicos (livros e filmes) de ficção científica, uma raça alienígena invasora qualquer. Essa crítica dos

⁵ Os filmes que a compõem são: **The matrix** (1999), **The matrix reloaded** (2003) e **The matrix revolutions** (2003).

⁶ *Éon*, *eon* ou ainda *aeon* significa, em termos latos, um enorme período de tempo, ou a eternidade. A palavra latina *aeon*, significa “para sempre”. Ela é derivada do grego αἰών (*aion*) do qual um dos significados é “um período de existência” ou “vida”.

irmãos Wachowski às nossas condições atuais de vida – já discutidas, amplamente, por pensadores seminais da cultura contemporânea como Jean Baudrillard (1929-2007),⁷ Félix Guattari (1930-92),⁸ Paul Virilio (n. 1932)⁹ e Arthur Kroker (n. 1945)¹⁰ – aponta para os perigos da política do controle, do engessamento da moral e da ética e, por conseguinte, de um tratamento, eminentemente, tecnicista de nossos conhecimentos, implementados de forma descontrolada, irresponsável e canhestra.

O tema da crise e as três províncias

Considerada a fundo, a trama aponta para o tema da crise ou, melhor, para os termos de um *viver cada vez mais tendente à crise*. A princípio, a mensagem parece simples: no que diz respeito aos graves problemas que ora nos assolam, o melhor a fazer não é a eles, passivamente, se entregar, mas sim reconhecê-los e assumi-los enquanto tais e, então, criando coragem e reunindo forças, buscar confrontá-los e superá-los... É isso, justamente, o que os rebeldes de Zion acabam por fazer, ao tentarem se libertar da ignorância ubíqua, quebrar a ordem vigente, enxergar a realidade tal qual ela é. Todavia, a impressão incômoda que fica é que a batalha final travada entre homens e máquinas acrescenta pouco à lógica de um mundo já comprometido, irremediavelmente, pelo egocentrismo, pela insensibilidade, pela brutalidade e pela manipulação, sendo o enfoque proposto bastante realista no que concerne ao processo de falência histórica das utopias progressistas, à incapacidade de lidarmos, em termos razoáveis, com a nossa própria natureza, assim como com a nossa propensão a inviabilizar um vínculo minimamente sadio com o outro e com o meio ambiente.

⁷ Cf. Jean Baudrillard, **A transparência do mal**: Ensaio sobre os fenômenos extremos. São Paulo: Papirus, 1990.

⁸ Cf. Félix Guattari, **Revolução molecular**: Pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁹ Cf. Paul Virilio, **Estratégia da decepção**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

¹⁰ Cf. Arthur Kroker e David Cook, **The postmodern scene**: Excremental culture and hyper aesthetics. London: MacMillan, 1988.

O discurso da matriz é o da subjugação – controlar através da construção de uma variedade de paradigmas. Este discurso é manifestado nas metonímias do filme, como a do agente Smith, a de Neo, a do trabalho de Thomas Anderson na Metacortex, na própria matrix e nas alusões religiosas entrelaçadas com a ideia do destino que é o tema messiânico por excelência do filme. Várias vezes ao longo de **Matrix** é afirmado que a maneira pela qual o mundo funciona foi projetada de modo que uma pessoa é mantida ocupada o suficientemente para que permaneça apática diante da realidade à sua volta, e que este desligamento é consequência direta do progresso da humanidade. Os seres humanos desenvolveram máquinas como ferramentas para facilitar suas vidas, assim como desenvolveram a linguagem como uma ferramenta para facilitar a comunicação. A culminação mais perversa dessas realizações, o filme nos entrega numa bandeja de prata, logo no início do (primeiro) filme, quando somos apresentados a Thomas Anderson (OLIVER, 2008, p. 107-8).

Por outro lado, para que o cenário caótico acima referido venha a fazer sentido, urge assimilar melhor os termos dessa condição crítica diretamente ligada à ocorrência de um desequilíbrio gradativo entre os três campos, instâncias ou províncias responsáveis pela viabilização civilizacional do homem: a *técnica* (o saber, a instrumentalidade), a *ética* (o ser/estar com, a sensibilidade) e a *política* (o poder, o cinismo).

Graças a este desequilíbrio, nos prendemos demais à instância do saber e damos as costas a do poder, pondo, inconsequentemente, em segundo plano a do “ser/estar com”.¹¹ Acabamos, em função disso, incrementando um tipo de conhecimento utilizado, acima de tudo, por governantes (agentes do Estado) que não dão valor às potências da ética e o (sempre possível, embora pouco frequente) uso positivo-criativo da própria política. Como que saciados pelas conquistas surpreendentes e instigantes da técnica, nem por isso conseguimos usufruir – ao menos como deveríamos – de seus benefícios mais proveitosos.

Muitos dentre nós estabelecem, tão somente, com ela – como havia alertado o pensador tcheco Vilém Flusser (FLUSSER, 2002) – uma relação de distanciamento contemplativo, quando, por exemplo, trocando de telefone celular, em função de sua aparência – sem sequer saber, ao certo, como utilizá-lo – somos impulsionados por um fascínio alimentado por relações meramente mecânicas de intervenção e obtenção.

¹¹ Para uma consideração mais aprofundada deste conceito (em alemão, *Mitsein*), vale conferir o quarto capítulo da primeira parte do livro **Ser e tempo** de Martin Heidegger.

Aludindo, igualmente, a Flusser, vale recordar, a respeito, as palavras de Arlindo Machado:

Ao usuário que lida com essas máquinas e que delas extrai as imagens técnicas, Flusser dá o nome de *funcionário*. Para o funcionário, as máquinas semióticas são *caixas pretas* cujo funcionamento e cujo mecanismo gerador de imagens dele escapam parcial ou totalmente. O funcionário lida apenas com o canal produtivo, mas não com o processo codificador interno. Mas isso não importa, porque tais caixas aparecem a ele de forma *amigável* (*user-friendly*), ou seja, elas podem funcionar e colocar em operação o seu programa gerador de imagens técnicas, mesmo quando o funcionário que as manipula desconhece o que se passa em suas entranhas, um pouco como o motorista pode dirigir um carro sem se preocupar com o funcionamento do motor. O funcionário domina apenas o *input* e o *output* das caixas pretas. Ele sabe como alimentar as máquinas e como acionar os botões adequados, de modo a permitir que o dispositivo “cuspa” as imagens desejadas. Assim, o funcionário escolhe, dentre as categorias disponíveis no sistema, aquelas que lhe parecem mais adequadas e com elas constrói a sua cena. Uma vez que pode escolher, o funcionário acredita estar criando e exercendo uma certa liberdade, mas a sua escolha será sempre programada, porque é limitada pelo número de categorias inscritas no aparelho ou máquina. Para produzir novas categorias, não previstas na concepção do aparelho, seria necessário intervir no plano da própria engenharia do dispositivo, seria preciso reescrever o seu programa, o que quer dizer: penetrar no interior da caixa preta e desvelá-la (MACHADO, 2002, p. 151).

Por outro lado, mesmo levando em consideração a precariedade que singulariza a sua ligação com o grande aparato técnico-tecnológico, não resta dúvida de que este se tornou imprescindível para o homem hipermoderno (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004, pp. 49-101), uma vez que lhe tem proporcionado condições melhores de sobrevivência tanto quanto de qualificação material da vida. O problema parece se concentrar, para valer, no mau uso da ação política – perigosamente subentendido em todo o processo – que pode (e acaba por) nos tornar, simbolicamente, impotentes, fazendo com que, no final das contas, antes nos preocupemos em nos defender de nós mesmos, mediante uma estratégia generalizada de fechamento para o outro (o nosso semelhante).

Esvaziada e enfraquecida pela hipertrofia das duas outras, a província ética (a de abertura para a alteridade) deveria, porém já não consegue (nem se permite ou deseja que consiga), equilibrar o quadro, pois aquele homem só quer mesmo saber é de gerir com maior competência (ancorado em valores pontuais como a eficiência e a praticidade) seus

próprios atos – entre eles, o de pensar, o de refletir, o de julgar e o de problematizar – únicas possibilidades de uma resistência efetiva ao avanço da onda tecnicista no ocidente (ELLUL, 1968, pp. 325-48).

É importante enfatizar que, se a política sempre teve como metas principais o regramento, a integração e a segurança – favorecendo, para tanto, o enrijecimento das relações, mediante estratégias como o assujeitamento, a submissão, a cooptação e a hierarquização – a ética visa, prioritariamente, o estímulo ao entendimento e à convivência, apoiada, a rigor, numa racionalidade crítica e sensível, favorecedora da razoabilidade das trocas.

O desacordo hodierno entre as três províncias tem causado, portanto, uma crise que, de tão severa, poderá acarretar a inviabilização das três ecologias fundamentais propostas por Guattari.¹²

As formações políticas e as províncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (...) O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mudanças técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial (GUATTARI, 1995, p. 8).

A trilogia representa o ápice dessa relação desequilibrada, em que o homem, após falhar com ele mesmo e com o seu próximo, acaba fazendo o mesmo com o planeta que, com os recursos amplamente explorados e quase esgotados, se transforma, aos poucos,

¹² A primeira delas seria a da subjetividade humana. Estando o homem em desarmonia consigo mesmo, isso acabaria por prejudicar também a segunda, a das relações sociais que, por sua vez, estaria sendo, aos poucos, desarticulada pelo pique capitalista. A terceira é a de nossa relação com o meio ambiente que – na hipótese do homem não passar a cuidar melhor da inter-relação dos elementos por ele projetados para sua inserção no mundo – poderá acarretar, em breve, a destruição do planeta.

numa imensa paisagem estéril e sem vida. Vale lembrar que foi justamente por isso que as máquinas passaram a “cultivar”, em larga escala, os seres humanos a fim de utilizá-los como fonte de energia primária para a sua sobrevivência.

A personificação da realidade

Analisando, mais a fundo, a sociedade que deu, diretamente, origem ao mundo controlado pelas máquinas, há a percepção de que o homem não conseguiria escapar, de qualquer forma, de sua condição de servidão. Se elas não o submetessem, ele o seria por si mesmo – *homo hominis lupus*¹³ – como já ocorre em nosso sistema político-econômico, pois os modos de vida humanos, individual e coletivamente tomados, evoluem no sentido de uma deterioração flagrante que aponta para um cenário de falência na primeira e na segunda ecologias. Desse modo, não haveria tanta diferença assim entre o regime ditatorial do mundo das máquinas e o de tantos modelos de governança registrados em nossa história recente.

Outro aspecto interessante dos filmes é a sua versão da forma de controle das massas, que pouco difere do caminho hoje trilhado num mundo em que, a exemplo da ficção, as pessoas vivem como que adormecidas e, mentalmente, mergulhadas numa hiper-realidade, senão controlada, ao menos sustentada por artefatos mecânicos complexos.

É nessa conjuntura que se destaca um de seus personagens, Morpheus, apresentado como o portador da ideia de libertação das amarras do “grande irmão” que tudo vê e controla. Ele personifica o próprio agente disseminador do ideal de reflexão acerca de um sistema criado pela e para a própria falência do projeto de humanização do homem, despertando as pessoas para que passem a questionar o que são e o que, de fato,

¹³ Sentença latina que significa “o homem é o lobo do homem”, criada, originalmente, pelo dramaturgo romano Plauto (205-184 a.C.) em sua obra *Asinaria* (“A comédia dos burros”) na qual afirma: “Lupus est homo homini, non homo, quom qualis sit non novit” (“O homem é um lobo, e não um homem, para o homem, quando não conhece quem seja”). Mais tarde, foi popularizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes quando de sua alusão a ela na carta-dedicatória do livro *De cive* (“Do cidadão”), escrito em 1642.

desejam ser. Dessa forma, se desenrola mais uma crise, a iminência de decadência de um sistema com características totalitaristas perante o instinto humano de liberdade e autonomia. É o homem insistindo em existir em sua plenitude, em busca de, talvez, uma chance derradeira.

Na trama os fatos mais assustadores integram o que “existe”, sendo esse um dos pontos que mais foram discutidos por Baudrillard,¹⁴ para quem nos encontraríamos numa nova fase da história, num novo *éthos* organizado em torno de simulacros e de simulações que alteram, radicalmente, nossas experiências de vida e destroem seus sentidos e significações, esvaziando, completamente, o conceito comum de realidade.

Portanto, é possível detectar na trilogia diversas alusões à sociedade contemporânea que nos levam a uma reflexão sobre a nossa própria condição de crise e suas consequências. Para tanto, os irmãos Wachowski optaram por criar um forte simbolismo com o intuito de nos impactar com previsões apocalípticas sobre o futuro do planeta, sendo a sua decadência, como vimos, apontada como fruto da do próprio homem.

Contudo, a nosso ver, o eixo central da trama é a grande analogia proposta entre o funcionamento da Matriz e a alegoria da caverna narrada, por Platão, no livro VI do diálogo **Politéia** (“A república”). Ali somos representados como prisioneiros acorrentados numa caverna subterrânea que, incapazes de movimentar o corpo ou a cabeça, só conseguem enxergar as sombras projetadas numa parede à sua frente, encarando-as como sendo “reais” (não sabendo que são prisioneiros, ignoram a sua própria ignorância). Quando um deles é libertado e se encaminha para fora, graças à luz do sol, vê e conhece, finalmente, as coisas como são. Não se trata, é claro, de um percurso fácil, e sim de uma dolorosa jornada para o autoconhecimento.

Neo, o protagonista da trama, passa, ao seu modo, também por tal experiência. Sua transformação – após optar por tomar a pílula vermelha e não a azul – remete, sem dúvida, a uma discussão de fundo filosófico acerca da natureza da realidade e do quanto

¹⁴ Cf. Jean Baudrillard, **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

podemos ser enganados sobre verdades estabelecidas sem qualquer questionamento. Pode-se dizer que a postura do núcleo de resistência, que ele e Morpheus lideram, é igualmente antideterminista, a partir do momento em que também não aceita, com resignação, o que lhe era apontado como destino.

Além de Platão, há nos filmes referências a outros filósofos como René Descartes (1596-1650) e os estadunidenses Peter Unger (n. 1941) e Hilary Putnam (n. 1926). E a lista não para por aí. A convicção de que o mundo que vemos e sentimos não é real ou que existe outro exterior ao nosso é, por outro, também bastante comum em algumas religiões. O preceito religioso mais básico implica, normalmente, em pensar em nosso mundo como uma intermediação. A vida por si só não parece bastar para o homem. É preciso que ele se sinta especial, que faça parte de algo maior, que transcenda os limites “estritos” de sua experiência. Há, como que rodeando a sua cabeça, a ideia fixa de um céu e de um inferno universais. No documentário **Zeitgeist**¹⁵ encontramos uma boa descrição dessa dicotomia:

A religião convenceu as pessoas de que há um homem invisível, que mora no céu, que vigia tudo o que você faz todos os minutos do seu dia. E ele tem uma lista especial de dez coisas que ele não quer que você faça. E se você fizer quaisquer destas dez coisas, ele tem um lugar especial, cheio de fogo e fumaça e tortura e sofrimento, para o qual vai te mandar viver e sofrer e arder e sufocar e gritar e chorar para todo sempre, até ao fim da eternidade!

Levando isso em conta, vale a pena fazer aqui uma menção ao livro **Simulacres et simulation** (“Simulacros e simulação”), lançado por Baudrillard em 1981, cujo capítulo “O resto” ele inicia com a negação da seguinte afirmação: “Quando se retira tudo, nada fica”. Para tanto, se vale do argumento de que “a subtração do resto é falsa de uma ponta à outra”. Não é que não haja resto, mas este nunca tem uma essência autônoma, por sempre depender do elemento que designou a sua existência. É aquilo que a partição impõe. E por cada termo ser o resto do outro, isso caracteriza uma fase de reversibilidade na qual, virtualmente, já não há mais resto algum.

¹⁵ Filme dirigido em 2007 pelo estadunidense Peter Joseph (n. 1978) que aborda, tematicamente, a manipulação institucional humana no contexto da contemporaneidade.

Considerações finais

Talvez seja essa é a questão mais implícita nos antagonísticos personagens Neo e Agente Smith. Para muitos, o final da trilogia não teve muito nexos, uma vez ter o personagem principal e herói da trama morrido. Porém, sendo o Agente Smith o “complemento” de Neo (e, naturalmente, vice-versa), resta um eterno impasse entre ambos: ou os dois coexistem ou nenhum deles existe. Na cena final, esse embate foi retratado e ocasionou o seu duplo desaparecimento. Pode-se dizer que o grande vencedor acabou sendo Neo, uma vez que percebeu a ambiguidade de suas existências e se sacrificou por uma causa.

Neo simboliza o difícil processo de individuação. Ele vive na Matrix, um mundo onde todos estão imersos numa condição de massa inconsciente em que a individualidade sempre é suplantada pelo coletivo através de um programa de computador. A maioria dos que são instigados a mergulhar em si mesmos termina desistindo ante os primeiros desafios e retorna, depressa, à segurança das certezas conquistadas: qualquer velho mundo, mesmo limitado e com todos os seus problemas, é melhor que um mundo novo e desconhecido.

Só mudamos se ficamos insatisfeitos. De outro modo, por que mudar? Quando nossos valores se tornam obsoletos e as verdades em que acreditávamos já não servem, a vida nos impõe a transformação para que possamos continuar a sua marcha. A toda hora, intuímos que há algo errado, mas não sabemos precisar o que seja. Isso nos faz passar por inúmeros testes, nos apresenta uma escolha quase eterna entre pílulas azuis e vermelhas. Precisamos estar atentos e seguir nossa intuição. Tomar a pílula certa na hora certa: eis o caminho mais seguro.

Referências

BADIOU, Alain. **Matrix**: Machine philosophique. Paris: Ellipses, 2004.

- BARNETT, Chad C. Reviving cyberpunk: (Re)constructing the subject and mapping cyberspace in the Wachowski brothers' film *The matrix*. **Extrapolation**. 41 (4), 2000.
- BART, Peter. Cracking the Wachowskis' code: When it comes to the elusive and enigmatic *Matrix* creators, it's hard to tell where the picture ends and the brothers begin. **Variety**, 26, 2003.
- BARTLETT, Laura e BYERS, Thomas B. Back to the future: The humanist *Matrix*. **Cultural Critique**, 53, 2003.
- BLACKMORE, Tim. High on technology – Low on memory: Cultural crisis in *Dark city* and *The matrix*. **Canadian Review of American Studies**, 34, 1, 2004.
- BLAZER, Alex E. The matrix trilogy and the revolutionary drive through the desert of the real. **Literature Film Quarterly**, 35, 4, 2007.
- ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GELLNER, Ernst. **Postmodernism, reason and religion**. Routledge, London, 1933.
- GOPNIK, Adam. The unreal thing: The influence of *The matrix*. **The New Yorker**, 19, 2003.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- IRWIN, William (org.) **Matrix: Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Madras, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastian. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MACHADO, Arlindo. Repensando Flusser e as imagens técnicas. In: LEÃO, Lúcia (org.) **Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 147-156.
- OLIVER, William R. **The matrix: A metaphorical parallel to language**. A thesis submitted to the University of North Carolina Wilmington in partial fulfillment of the

requirements for the Degree of Master of Arts. Internet, <http://libres.uncg.edu/ir/uncw/f/oliverw2008-1.pdf>, 2008.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.